

---

## Clausewitz, Liddel Hart, Beaufre, Foucault: O conceito filosófico de estratégia

*Clausewitz, Liddel Hart, Beaufre, Foucault: The philosophical concept of strategy*

Felipe Luiz

Mestrando em Filosofia pela FFC-UNESP/Marília

**RESUMO:** O objeto do nosso trabalho é ancorar a produção filosófica de Foucault em alguns dos principais nomes contemporâneos dos debates sobre estratégia. Assim, debatemos a etimologia do termo, recorrendo a dicionários etimológicos da língua grega, bem como a autores como Clausewitz, pedra angular dos estudos estratégicos no Ocidente; Liddell Hart, pensador central neste debate; e André Beaufre, que fecha uma discussão centenária. Intentamos situar Foucault nesta discussão, mostrando como seu pensamento serve para examinar a formação de um poder nacional e como nele se encontra uma análise da formação do Poder Nacional, na terminologia do Exército Brasileiro.

**PALAVRAS-CHAVE:** FOUCAULT, CLAUSEWITZ, LIDDEL HART, BEAUFRE, ESTRATÉGIA

**Abstract:** The objective of our work is to anchor the philosophical production of Foucault in some of the main contemporaneous names of the debate over strategy. So, we discuss the etymology of the term, making use of etimological dictionaries from the Greek language, and also authors as Clausewitz, a very central thinker of the strategical studies in Western; Liddel Hart, a very central thinker in this debate; and Andre Beaufre, that closes a centenary discussion. We intend to situate Foucault in this debate, showing how his thoughts serves to examine the formation of a National Power and how we can find in his productions an analysis of the constitution of this same National Power, in the terminology of the Brazilian Army.

**KEYWORDS:** FOUCAULT, CLAUSEWITZ, LIDDEL HART, BEAUFRE, STRATEGY

### Introdução: Panorama da estratégia

Estratégia. A ideia é muito antiga. Em sua *Anthologie Mondiale de l'éstratégie* Chaliand, um dos maiores especialistas vivos no tema, regride até o Egito antigo para mostrar que desde lá a ideia de se mobilizar dados meios a fim de realizar certos fins na guerra já estava presente. Mas o nome estratégia é de estirpe grega. É tarefa hercúlea pesquisar, nas milhares de páginas que nos sobram dos sábios helenos, qual foi a primeira aparição do termo e qual a ideia

que era expressa, tarefa esta que recai sobre o pesquisador e que algum dia realizaremos. Por ora, nos contentaremos em fazer alguns apontamentos etimológicos; depois, em um salto milenar, mostraremos algumas das principais concepções contemporâneas de estratégia — Clausewitz, Liddel Hart e Beaufre — para, por fim, chegar ao nosso objeto propriamente falando, tal seja, a utilização *sui generis* que encontramos na obra de Foucault do conceito de estratégia, no que vimos chamando de conceito filosófico de estratégia, uma idéia de filosofia da história.

Os gregos eram um povo muito belicoso. Não à toa, foram eles que, na boca de Heráclito, disseram que a guerra é de todas as coisas pai, no fragmento 53 segundo a numeração de Diels-Kranz. Mas o conceito de estratégia não guarda raiz com o *pólemos*, *stásis*, *éris*, *agon* ou *palé*, termos gregos que indicam, com matizes de significado, a guerra, a secessão, a discórdia, a luta ou o combate, respetivamente. É na idéia de *stratos*, exército, e um de seus derivados, *strategos*, general, que encontraremos a raiz comum, segundo Chantraine (1968). A língua grega, pela sua precisão, permitia que se substantivasse as ações no neutro ou certos nomes para dar uma idéia de pertencimento ou de elementos gerais. Assim, *philosophia* e *ta philosophia*, as coisas da filosofia; *stratos* e *ta stratia*, as coisas do exército; *strategos* e *ta strategia*, as coisas do general, quer dizer, a conduta do exército, a hoplomaquia, as melhores condições de combate, inclusive as metereológicas, como nos revelam tratados antigos de estratégia, como o de Vegécio, um escritor militar romano, etc. A noção por trás de estratégia, em seu sentido grego, é que se trata das coisas relativas ao general, a arte deste, seus negócios. É curioso que Péricles, o afamado político ateniense que nomeia um século (século V a.C.), em seu famoso discurso à eclésia da pólis por ocasião do início dos conflitos da Guerra do Peloponeso, embora indique uma estratégia de conduta na guerra a porvir, não emprega o termo estratégia. Do mesmo modo Xenofonte, narrando a retirada dos dez mil, não utiliza o termo (CHALIAND, 2009). Isso pode indicar que ele ainda não estava suficientemente difundido, ou, senão, que as idéias ainda não estavam tão claras para os gregos, nossos ancestrais intelectuais.

Esta última hipótese talvez seja a mais forte, visto que somente muito tardiamente o termo estratégia foi popularizado e aceito universalmente. Ainda Napoleão não o utilizava, preferindo se

---

valer da noção de grande tática. É com Bülow (PARET, 1986), um intérprete teutônico das guerras revolucionárias francesas e napoleônicas, que a noção se populariza. Bülow intentava matematizar, bem no *esprit du temps*, a guerra, tornando-a uma ciência exata; em seu pensamento, a estratégia é reduzida a esquemas lógicos, perdendo um dos aspectos que a etimologia revela que é a importância do comandante, no que Clausewitz chamará, talvez influenciado pelo romantismo, do gênio militar (PARET, 1986).

### **O debate militar: Clausewitz, Liddell Hart e Beaufre**

É praticamente consenso que o maior escritor militar da história do Ocidente foi Clausewitz, militar prussiano de renome. Muitos vieram depois dele, e muitos antes; mas sua monumental obra é um verdadeiro divisor de águas, seja pela riqueza das proposições, ou também pela duração de sua influência. Rapoport (1996) chega a afirmar a existência de uma era clausewitziana das relações internacionais, que cobriria a maior parte do século XIX e cessaria com a Primeira Guerra Mundial, quando novas filosofias da guerra emergiriam, como a leninista. Algumas proposições clausewitzianas se tornaram verdadeiro senso comum, como aquela segundo a qual a guerra é a política continuada por outros meios, máxima que Foucault inverte, e que teremos a chance de comentar. Quanto à estratégia, o pensador militar prussiano ficou famoso por propor que a estratégia é arte de organizar as batalhas visando certo fim, fim este estabelecido pela política. A tática seria a conduta na batalha propriamente falando, de modo que tática e estratégia mantêm uma interação dinâmica, com a estratégia determinando a tática, quer dizer, com o plano estratégico das batalhas determinando quando se deve lutar, enfrentar o inimigo.

No esquema de Clausewitz, que alguns, como Meira Mattos (1986), seguem, a política dita os fins, a estratégia os executa. Podemos abstrair para a seguinte tese: a filosofia política, em suas elucubrações, dita as características mais gerais de uma sociedade. A ciência política viabiliza as construções da filosofia política e a estratégia executa, quando estes fins envolvem força militar. Por exemplo, peguemos uma das principais filosofias políticas contemporâneas, o marxismo. Marx e Engels, em um grande esforço, plasmaram as diretrizes das novas sociedades em seu aspecto mais geral. Outros e outras — e são muitos — buscaram viabilizar esta

nova sociedade já não mais no âmbito da filosofia política, mas no âmbito da ciência política e, por vezes, se valeram de um instrumento estratégico, a guerra revolucionária, que derruba o poder burguês e, em seu lugar, coloca o poder nascente do proletariado. Veremos que, hodiernamente, o conceito de estratégia expandiu-se, não estando mais restrito à mera utilização violenta da força; embora Clausewitz, em algumas passagens, deixe claro que, em níveis elevados, estratégia e governo se confundem, é sobretudo do âmbito da organização das batalhas que ele a situa.

É curioso notar, de passagem, que, para outras filosofias políticas, como o anarquismo, a relação entre fins e meios, ou entre estratégia e tática, é diferente. Para os anarquistas, são os meios que determinam os fins, quer dizer, a forma como empreendemos a luta hoje deve refletir a sociedade que almejemos. Ou no dizer de alguém como João Bernardo (2005), que não é anarquista, mas marxista libertário, a autogestão da sociedade prepara-se na autogestão das lutas. Isto é especialmente claro nas proposições dos sindicalistas revolucionários e anarcossindicalistas, que propunham que o sindicato, órgão de organização das lutas operárias contra o capital e sua sociedade, seria o embrião da gestão econômica da nova sociedade (LUIZ, 2018).

Para Clausewitz, enfim, a estratégia é a organização das batalhas ou das campanhas, quer dizer, do enfrentamento belicoso, âmbito da tática, dentro dos fins visados pela política. Na batalha, o objetivo é tomar o centro do dispositivo inimigo, se valendo de toda a força possível, a fim de desorganizar este dispositivo e desbaratar as forças adversárias.

Esta visão, um tanto quanto reducionista do intrincado pensamento clausewitziano, foi chamada por alguns comentadores, como Liddel Hart, de *estratégia direta*. A nosso ver, malgrado deixe passar certas minúcias, a caracterização é válida, e por isso a adotamos, especialmente porque outro de nossos interlocutores, como Beaufre, se valem dela, de modo que a uniformidade terminológica será de grande valia.

Liddel Hart foi um escritor prolífico, sendo autor de muitas obras. Gozou também de certa influência política junto ao governo inglês e seu exército, do qual era capitão. Sua principal proposição é a noção de *estratégia indireta*. Analisando diferentes campanhas ao longo da história, de Lisandro à Segunda Guerra Mundial, Liddel Hart

argumenta que as principais vitórias militares da história foram obtidas por meio de uma aproximação indireta ao dispositivo inimigo. Por exemplo, cortar-lhe as linhas de comunicação ou a linha de suprimentos; se valer da ordem oblíqua de batalha ou flanquear, surpreendê-lo. Tudo isso visa a desorganizar a formação de batalha do inimigo enquanto nós mesmos, seguindo o princípio da economia de forças, atuamos em várias frentes, a fim de confundir o inimigo, para só então, com as forças adversárias desdobradas em muitas frentes, aplicar o golpe decisivo.

Liddel Hart propõe ainda a noção de grande estratégia, quer dizer, a política de guerra, que implica pensar as condições para a paz, sendo esta o verdadeiro objetivo da guerra. Para ele, a diplomacia, a economia e o campo psicossocial são formas de pressionar o adversário, enfraquecê-lo, sangrá-lo, para, só então, atacá-lo. Haveria uma relação dinâmica entre grande estratégia e estratégia, e o bom comandante, submetido, geralmente à grande estratégia, deveria saber manobrar em seus limites de modo a obter resultados favoráveis. Nem sempre, nos diz Liddel Hart, houve uma opção consciente, nas campanhas vitoriosas, pela estratégia indireta; muitas vezes, ela é fruto do contexto. Em sua epígrafe, ele coloca algumas citações, por exemplo, de Sun Tzu, onde se afirma que o maior general é aquele que vence sem sequer lutar. Isto ilustra muita bem sua posição, e dá a tônica de seu livro *Strategy*. Assim, pode-se dizer que Liddel Hart e Clausewitz divergem, posto que, para este, a forma de vencer a guerra é obter a batalha decisiva entre dois amassamentos humanos contrapostos, com elevado custo humano e material; para Liddel Hart, a batalha é seguimento da manobra, e o melhor general será aquele que ganhar sem combater. Por isso apontamos acima que houve um sistema clausewitziano de guerra, cujo ápice é a Primeira Guerra Mundial, onde os exércitos buscavam, através da conscrição ativa, aumentar seus efetivos e esmagar os adversários. Como se sabe, e Paret (1986) trabalha estas questões, Clausewitz não foi um teórico da guerra naval, muito menos das potencialidades da mobilidade que a mecanização desencadeou. Ademais, distinguia entre a guerra absoluta, onde a violência é sempre crescente e ilimitada, e a guerra real, onde a política modula a aplicação de forças. Liddel Hart critica Clausewitz, visto que este não abordou as guerras de objetivo limitado, realidade bélica do mundo, sempre tendo pensado em guerras onde a aniquilação do inimigo era realidade.

Esta característica do pensamento estratégico de Clausewitz é retomada também por Beaufre, o último militar que analisaremos, posto que ele fecha este debate. Beaufre aponta que Clausewitz com suas proposições selou o destino da Europa, posto que sua influência e a busca cega pela aniquilação do inimigo fez com que as potências européias se destruíssem, determinando assim a perda de sua supremacia no mundo. Contudo, ao invés de propor outro modelo estratégico, como o direto ou indireto, Beaufre sustenta que a estratégia é um método de pensamento, é o conhecimento de quando se adotar certos meios, disponibilizados pela política, para certos fins, determinados pela política. Para ele, a estratégia alargou-se e, de mera questão militar, tomou a variadas expressões, para utilizar a terminologia do Exército brasileiro (ECEME, 2011), tais quais a econômica, a diplomática, a científica, a psicossocial e também a militar. A questão é como coordenar estas distintas estratégias objetivando os fins fixados pela política. Pode-se dizer que, para Beaufre, Clausewitz e Liddel Hart estão equivocados, porque a melhor estratégia não é nem a indireta nem a direta, mas a adequada à determinada situação. Ele nos oferece modelos de ação, segundo tenhamos inimigos fortes ou fracos, meios suficientes ou insuficientes, etc. Para, a situação na década de 1960 era a de luta de estratégia indireta e a URSS estava ganhando, visto o levante geral do Terceiro Mundo contra a supremacia estadunidense. Esta situação de estratégia indireta era reforçada pela questão da arma atômica, que impedia um conflito aberto entre as potências. No prefácio ao livro de Beaufre, Liddel Hart escreve que concorda com as posições do general francês, de modo a ser possível afirmar que Beaufre fecha um debate de cento e cinquenta anos.

### **Um conceito filosófico de estratégia**

Enquanto Beaufre escreve seu livro (1963), Foucault granjeia fama crescente. Em seu segundo livro, *Histoire de la folie à l'âge classique* (1961), o filósofo francês escreveu um prefácio, depois substituído na década de 1970. Entre um e outro uma diferença: em toda a *História da loucura* o termo estratégia não aparece, mas o termo *stratagème*. Já no prefácio de 1972, vemos o termo estratégia se delinear claramente. É como se, no meio do caminho, Foucault repentinamente descobrisse a noção de estratégia e

passasse a se valer dela. Se na *Archéologie du savoir* (1969) ele utilizará deste conceito, mas em um contexto muito próprio, é sobretudo em suas produções da década de 1970, década do Foucault militante, interessado nas relações de poder, que ela se desdobrará. Atualmente pesquisamos exatamente quando o conceito apareceu pela primeira vez, qual seu significado e quais as mutações conceituais que passou. Trata-se de uma pesquisa em curso, de modo que agora apresentaremos os resultados parciais.

A dar razão a Castro (2016), Foucault utilizou o conceito de estratégia em quatro sentidos diferentes: 1º a racionalidade (meios) utilizada para se obter determinados fins; 2º os movimentos de um jogador em um jogo, a partir do que pensa de como os outros jogadores se comportarão; 3º os movimentos destinados a privar o inimigo de seus instrumentos de luta; por fim, 4º os meios utilizados para manter em funcionamento um dispositivo de poder, sentido este que se confunde com o primeiro.

Polemizamos com Castro na medida em que acreditamos poder encontrar em Foucault um outro sentido de estratégia. Em uma discussão (FOUCAULT, 1994, p. 306), uma interlocutora de Foucault fala que, na obra deste, existe uma *estratégia sem sujeito*. Com isto ela quer apontar que, dada a belicosidade do devir, cada posicionamento é tático, com conseqüências estratégicas. Assim, pode-se afirmar que a biopolítica é uma estratégia sem sujeito, na medida em que foi se delineando historicamente e, sem ser pensada por alguém enquanto estratégia de dominação social, terminando por se constituir enquanto tal. Como o termo estratégia sem sujeito dá a impressão que não há sujeitos envolvidos, preferimos chamar de *estratégia histórica*; o que não há é um gênio estrategista, na sombra do mundo, pensando em como dominar a todos. O dispositivo carcerário, o grande internamento, o dispositivo da aliança; todos eles são estratégias históricas, plasmadas nos combates que determinaram o mundo contemporâneo. Certamente há outras e, no trabalho de pesquisa rumo a uma ontologia do presente, devem aparecer.

Como se vê, se trata de um conceito filosófico de estratégia que guarda raízes no alargamento contemporâneo desta noção. Antes tratada como mero negócio do general, passar a aumentar seu escopo com Liddel Hart e sua *grande estratégia*, até ganhar um alcance inaudito com o general Beaufre. Se na guerra e mesmo na paz, há variadas expressões do Poder Nacional em disputa, não seria o caso de

tomar a própria formação deste Poder, quer dizer, de uma sociedade com sua expressão política mais comum, o Estado, como frutos de uma guerra, de um conflito?

Isto nos encaminha para outra questão. Como se sabe, no curso de 1976 no *Collège de France*, Foucault dedicou-se a analisar o pensamento de Clausewitz, propondo uma curiosa inversão: se o militar prussiano propunha que a guerra é a política continuada por outros meios, já Foucault pensará que a política é a guerra pensada por outros meios. As diferentes sociedades estariam tomadas por conflitos de toda ordem; isto dá azo para que Gros (2012) fale de um neomarxismo de Foucault. De toda forma, o pensador francês se encaminha no sentido de analisar o discurso histórico de certa nobreza francesa do século XVIII, que se debruçava sobre a formação da sociedade francesa em termos de guerra, no caso guerra de raças. O Estado seria fruto de um conflito, as leis, a paz civil, tudo isso, prolongação de uma dominação principiada pela guerra. Para manter esta dominação, o Estado se vale de variados meios, inclusive de estratégias históricas, como a biopolítica. Mas a luta não se restringe ao Estado, englobando meios paraestatais e infraestatais, como se pode ver em *Surveiller et punir*.

## Conclusões

Passamos em revista alguns dos principais conceitos contemporâneos de estratégia, seguindo um fio de continuidade. É fato que deixamos de lado produção expressiva, como Mao Tse Tung e outros teóricos das guerrilhas, dentre outros que Paret (1986) explora. Mas tentamos mostrar como há um diálogo entre pensadores militares de primeira grandeza, buscando incluir Foucault, o qual, se o pensamento não é militar, ao menos como contribuiu com algum aspecto do pensamento estratégico.

Vimos que Clausewitz propunha certa estratégia, Liddel Hart outra, e Beaufre arremata a questão, defendendo que a estratégia é sobremaneira um modo de pensamento diante de uma situação de conflito, destinada a fazer com que nossos interesses vençam os do adversário através do que ele chama de dialética das vontades. A estratégia se torna assim, sempre estratégia em certa situação, nunca uma perspectiva absoluta de sempre vencer os conflitos a partir de um trunfo dado de uma vez por todas.



A contribuição de Foucault, nestes termos, pode ser a de pensar como uma sociedade se torna o que é, como certa característica do Poder Nacional se formou, os modos como uma sociedade se autoproduz, em uma perspectiva belicosa, de conflito de interesses e posições. Com Foucault, a estratégia adentra o luminoso reino da filosofia para, uma vez lá, fincar raízes e nos ajudar a desvendar o presente e a pensar como alterar uma sociedade visando certo objetivo estratégico, orientado pela política, na hierarquia de saberes que estabelecemos.

É difícil incluir Foucault, no entanto, no rol dos pensadores militares autênticos, como vimos. Se ele faz um uso ostensivo do termo estratégia, sua estirpe não é militar, mas sociológica ou filosófica. Para utilizar uma terminologia dele em outros textos, como *Archéologie du savoir*, Foucault elabora uma análise da formação das estratégias, conforme veremos mais abaixo. Se o real é belicoso, se resolvendo em conflitos; e se para compreender o poder é necessário um modelo que o tome nos moldes da guerra, como faz Foucault em *Il faut défendre la société*, é enquanto série de estratégias em disputa que esta compreensão emergirá. Nestes termos, seria tarefa do genealogista mostrar, em dada sociedade, como esta se formou, quer dizer, que características as lutas impingiram ao real, de modo a dotá-lo de sua face atual. Pode-se dizer que o diagnóstico do presente é empreendido através desta analítica das distintas estratégias que vinculam o mundo.

Mostramos o comentário de Foucault a Clausewitz. Mas este é colateral, sem que o mestre francês adentre no cerne da teoria estratégica de Clausewitz, ficando em generalidades. Isso não diminui sua produção, posto que toca em um dos elementos centrais da teoria de Clausewitz, o cariz político da guerra.

Outro ponto a salientar, à guisa de conclusão, é o seguinte: já na *Histoire de la folie* Foucault falava em elaborar uma *arqueologia*. E é seguindo o fio duplo temático-metodológico que muitos autores dividem sua obra em arqueologia dos saberes, genealogia dos poderes e genealogia da ética. Podemos adotar outra divisão, tomando como cerne a noção de estratégia desenvolvida por ele ou, ao menos, presente em sua obra. Pensamos que não houve mero abandono da arqueologia, mas que esta faliu, na medida em que pretendia analisar os discursos em si mesmo, como práticas discursivas. Ao proceder assim, Foucault era um *positivista feliz*, se

---

contentando em notar as mudanças operadas no campo discursivo; ou, como diz Roberto Machado na Introdução da *Microfísica do poder*, ele mostrava o *como*, sem se ater ao por quê, aos motivos das mudanças operadas. Assim, em *Les mots et les choses* vemos as *epistemes* se sucederem sem que saibamos o que animava esta alteração: afinal, por que a *epistemes* clássica ruiu? Por que o homem apareceu como objeto privilegiado do saber?

Estas questões somente seriam respondidas com *Surveiller et punir*. Aqui já se nota que, no aparecimento do capitalismo moderno, na gênese mesma da contemporaneidade, os homens se amassavam em cidades e, com isto, surgiram uma séria de instituições destinadas a forjar uma força de trabalho de homens dóceis e úteis. As ciências humanas surgem das técnicas empregadas nessas instituições, como o *examen*, como lemos em *La vérité et les formes juridiques* (FOUCAULT, 2001). As ciências humanas vêm, assim, responder a um imperativo prático, estão situadas em uma sociedades, não flutuando no céu de um *a priori* histórico. Neste último texto, de 1973, Foucault se propõe a descobrir como práticas sociais podem dar origem a campos do saber e a sujeitos do conhecimento. Esta é a tônica de suas pesquisas naquele momento. Por ser congenitamente incapaz de responder este tipo de indagação, Foucault abandonou a arqueologia em benefício da genealogia. Ou seja, foi da incompreensão das estratégias para sua formação.

Mas há um outro movimento. Quando Foucault passa a analisar as temáticas que compreenderão os últimos volumes da *Histoire de la sexualité*, ele passa a propor uma estratégia de mudança social. Se, como nota Bruni (2006), Foucault não dá aos presos, aos loucos, às mulheres, enfim, aos sujeitos que analisa um programa político de ação, quando de sua fase da genealogia do poder, posteriormente, Foucault proporá uma ética ou os rudimentos de uma. Quer dizer, trata-se da proposição de uma estratégia, já no primeiro sentido dentre os que discriminamos.

Assim, três fases de seu pensamento: a falência da estratégia, a analítica da formação das estratégias e a proposição da estratégia. Estas são pistas de pesquisa parciais, pelas quais ora enveredamos, a fim de ensejar uma interpretação de Foucault centrada em um conceito que Castro (2006) dá pouca atenção, mas que, cremos, é de maior monta.

## **Bibliografia**

ANAXIMANDRO et ali; *Os pensadores originários*, Petrópolis: Vozes, 2017

BEAUFRE, A.; *Introdução à estratégia*, RJ: BIBLIEX, 1998

BERNARDO, J.; *A autogestão das sociedades prepara-se na autogestão das lutas, Piá Pioul*, Novembro de 2005, nº 3

BRUNI, J. C.; *Foucault: o silêncio dos sujeitos* in SCAVONE, L.; ALVAREZ, M. C.; MISKOLCI, R.; *O legado de Foucault*, SP: EDUNESP, 2006

CASTRO, E.; *Vocabulário Foucault*, BH: Autêntica, 2016, 2ª edição

CHALIAND, G.; *Anthologie Mondiale de la stratégie*, Paris: Robert Lafont, 2009

CHANTRAINE, P.; *Dictionnaire étymologique de la langue grecque. Histoire des mots*, Paris: Klincksieck, 1968

CLAUSEWITZ, C. von; *Da guerra*, SP: Martins Fontes, 1996, 2ª edição

ECEME; *Introdução à estratégia*, s/l: 2011, disponível em [http://www.eceme.eb.mil.br/images/cpeceme/publicacoes/Introd\\_Estrat11.pdf](http://www.eceme.eb.mil.br/images/cpeceme/publicacoes/Introd_Estrat11.pdf) acessado dia 17/10/2019

FOUCAULT, M.; *Dits et écrits I 1954-1975 v. I*, Paris: Gallimard, 2001

\_\_\_\_\_ ; *Dits et écrits 1976-1979 v. III*, Paris: Gallimard, 1994

\_\_\_\_\_ ; *Em defesa da sociedade*, SP: Martins Fontes, 1999

\_\_\_\_\_ ; *Histoire de la folie à l'âge classique*, Paris: Gallimard, 1972

\_\_\_\_\_ ; *Il faut défendre la société (1975-1976)*, Paris: Gallimard, 1997

\_\_\_\_\_; *Microfísica do poder*, RJ: Graal, 2007, 24ª ed.  
\_\_\_\_\_; *Surveiller et punir: naissance de la prison*, Paris: Gallimard, 2011

GROS, F.; *Foucault, penseur de la violence?*, Cités, No 50, Extrêmes violences (2012), pp 75-86, Paris: PUF

LIDDELL HART, B.H.; *As grandes guerras da história*, SP: IBRASA, 2005, 6ª edição  
\_\_\_\_\_; *Strategy*, New York: Meridian Book, 1991, 2ª edição

LUIZ, F.; *Rosa Luxemburgo e Pouget: notas para a genealogia do sindicalismo revolucionário e seu papel no pensamento político libertário*, Aurora: Marília, v. 11, n1, 2018

MARTINS, R.F.R.C.; *Acerca do conceito de estratégia*, Nação e defesa, Ano IX, no 29, Janeiro Março de 1984 (1995), Lisboa: Instituto da Defesa Nacional, 1995, pp. 97-125

MEIRA MATTOS, C.; *Estratégias militares dominantes*, RJ: BIBLIEX, 1986

PARET, P. et ali; *Makers of modern strategy: from Machiavelli to the Nuclear age*, Princeton: Princeton University Press, 1986

SCAVONE, L.; ALVAREZ, M. C.; MISKOLCI, R.; *O legado de Foucault*, SP: EDUNESP, 2006

RAPOPORT, A.; *Introdução* in CLAUSEWITZ, C. von; *Da guerra*, SP: Martins Fontes, 1996, 2ª edição

SENGER, H. Von; *O livro dos estrategemas*, RJ: Ediouro, 1996

Recebido em: 2019-10-28

Aprovado em: 2019-11-07